

O PODER DAS PALAVRAS: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Joana D’Arc Sampaio de Souza ¹

Sheila Cristina Mendes Braga ²

Juliana Eugênia Caixeta ³

RESUMO

Este trabalho apresenta a experiência pedagógica do projeto “As Palavras Têm Poder”, realizado com alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Clidenor Lima, em Arez, Rio Grande do Norte - RN. A proposta integrou os componentes curriculares de Ciências, Língua Portuguesa e Ensino Religioso, com o objetivo de promover a reflexão sobre o impacto da linguagem nas relações humanas. A metodologia adotada foi qualitativa, com base em práticas investigativas e registros reflexivos. Durante dez dias, os estudantes acompanharam o crescimento de sementes de feijão plantadas em copos transparentes, identificados com as palavras “AMOR” e “ÓDIO”. Diariamente, verbalizavam diferentes tipos de palavras para cada copo, observando os efeitos dessas interações no desenvolvimento das plantas. O referencial teórico inclui Vygotsky (1991), que entende a linguagem como mediadora da aprendizagem; Wallon (2007), que ressalta o papel das emoções no desenvolvimento infantil e Ferreiro (1999), que valoriza a construção da escrita em contextos reais e significativos. Também se apoia em Freire (1996), ao propor uma educação dialógica e transformadora. Os resultados evidenciaram avanços no letramento, no desenvolvimento da empatia, da escuta e do protagonismo infantil, demonstrando o potencial de propostas interdisciplinares para a formação integral dos estudantes, da professora pesquisadora, bem como, nas relações familiares.

Palavras-chave: linguagem, empatia, interdisciplinaridade, ensino fundamental, afetividade.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, marcada por relações sociais complexas e desafios emocionais amplificados no contexto pós-pandêmico, repensar o papel da linguagem na educação torna-se urgente. Mais do que uma ferramenta de comunicação, a palavra é gesto, vínculo e possibilidade de transformação. Sua potência simbólica e afetiva pode tanto construir quanto ferir, incluir ou excluir, especialmente quando se considera o universo infantil, em que os significados ainda estão em plena constituição.

¹Mestre em Psicologia, Pedagoga da Universidade de Brasília – DF, joanasouza@unb.br;

²Graduada no Curso de Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia e em Alfabetização e Letramento, Professora na Escola Municipal Clidenor Lima, em Arez, Rio Grande do Norte - RN, scris.brag4@gmail.com;

³Professora Orientadora: Doutora em Psicologia, Faculdade UnB Planaltina -DF, jucaixeta.unb@gmail.com.



Foi a partir dessa compreensão que surgiu o projeto “As Palavras Têm Poder”, realizado com estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Clidenor Lima, em Arez/RN. A proposta uniu práticas de letramento, investigação científica e reflexão ética por meio de uma experiência lúdica e afetiva: o cultivo de sementes de feijão associadas a palavras positivas e negativas. A experiência, ao mesmo tempo simples e simbólica, provocou as crianças a refletirem sobre o impacto das palavras — no crescimento das plantas, mas também nos corpos, nas emoções e nas relações humanas.

A interdisciplinaridade foi eixo estruturante da proposta, integrando os componentes de Ciências, Língua Portuguesa e Ensino Religioso. Essa articulação permitiu que os conteúdos escolares fossem explorados de forma sensível, conectando o conhecimento à vida e à escuta ativa. O envolvimento dos alunos e da professora-pesquisadora evidenciou que a linguagem, quando vivida em sua dimensão ética e relacional, pode ser semente de afeto, consciência e transformação no ambiente escolar.

O presente artigo tem como objetivo relatar essa experiência, sistematizando suas etapas, fundamentos teóricos, resultados e possibilidades de ampliação. Defende-se, ao longo do texto, que ações como essa podem contribuir não apenas para a aprendizagem de conteúdos curriculares, mas também para o fortalecimento da empatia, do protagonismo infantil e da cultura da paz na escola. Ao colocar as palavras como sementes que podem germinar ou adoecer, a prática educativa ganha novas camadas de sentido, revelando que ensinar é também um gesto de cuidado com o outro e com o mundo.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica foi qualitativa, centrada em práticas de pesquisa-ação, observação participante e registros reflexivos. Durante o projeto, os alunos foram organizados em pequenos grupos e convidados a plantar sementes de feijão em copos transparentes, identificados com as palavras “AMOR” e “ÓDIO”. Os copos foram mantidos sob as mesmas condições físicas (luz, umidade, temperatura), sendo a única variável as palavras dirigidas diariamente às sementes.

As crianças registraram suas observações em fichas de acompanhamento, com colunas para data, altura da planta, cor, presença de folhas e emoções sentidas. Ao final, participaram de rodas de conversa, atividades de produção textual e artísticas, como o “Ditado na lata” e a criação de um mural coletivo com palavras positivas. A professora



REFERENCIAL TEÓRICO

Complementando essa visão, Wallon (2007) enfatiza a inseparabilidade entre emoção, cognição e movimento no desenvolvimento infantil. Ao propor que as emoções constituem a primeira forma de relação da criança com o mundo, Wallon (2007) legitima sua presença no espaço escolar como parte fundamental da aprendizagem. No projeto, ao expressar verbalmente sentimentos dirigidos às plantas e ao registrar suas percepções ao longo do experimento, as crianças foram convidadas a identificar e elaborar suas emoções, o que caracteriza uma alfabetização emocional. Esse processo fortalece habilidades como empatia, regulação afetiva e cuidado mútuo, essenciais para o convívio ético e respeitoso.



No campo do letramento, o projeto encontra respaldo na Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro (1999). Para a autora, aprender a ler e escrever é um processo ativo de construção de hipóteses, que se realiza em contextos significativos. As produções textuais realizadas pelas crianças, como os registros de observação, os murais de palavras e os relatos autorais revelam o uso da linguagem escrita como forma de expressão, análise e comunicação. Ao escreverem sobre o crescimento das sementes e suas emoções, os alunos experimentaram a escrita em sua dimensão viva, relacional e crítica. A linguagem, aqui, é instrumento de mediação entre experiência e reflexão.

Esse olhar se amplia na perspectiva de Freire (1996), cuja pedagogia da autonomia defende a linguagem como prática de liberdade. Para Freire (1996), ensinar exige diálogo, acolhimento e escuta ativa, princípios materializados neste projeto nas rodas de conversa, nas reflexões coletivas e no cuidado com as palavras. A palavra oral ou escrita é, nessa pedagogia, uma forma de presença ética e política. Ao propor que as crianças reflitam sobre os efeitos de suas falas, o projeto contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica da linguagem e para a formação de sujeitos mais sensíveis e responsáveis em suas interações.

O cuidado com as sementes, além de sua dimensão científica, foi vivido como metáfora do cuidado com a vida, os afetos e os vínculos humanos. Esse aspecto aproxima o projeto de perspectivas da educação ambiental crítica e da ecopedagogia, que valorizam o vínculo entre ser humano e natureza como base para uma educação integral. Assim, ao regarem e observarem as sementes enquanto falavam com elas, as crianças praticaram uma forma de cuidado atencioso e amoroso que ultrapassou os limites do experimento.

Em consonância com Santos (2009), ao denunciar o “desperdício da experiência”, o projeto resgata saberes sensíveis e cotidianos que muitas vezes são excluídos da racionalidade escolar. Já Morin (2014) convida à complexidade, propondo uma educação que integre razão e emoção, ciência e sensibilidade, fragmento e totalidade, aspectos presentes na condução deste trabalho.

A força simbólica da palavra, o reconhecimento das emoções como parte do aprender, a escuta como atitude pedagógica e a vivência como eixo do letramento constituem os fundamentos que sustentam essa proposta. Ao reunir essas dimensões em uma experiência concreta e sensível, o projeto “As Palavras Têm Poder” reafirma o compromisso da educação com a formação humana, ética e crítica. Sua inspiração em autores que defendem a infância como espaço de potência e a escola como território de



transformação consolida sua relevância teórico-prática e sua contribuição para práticas pedagógicas emancipatórias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o desenvolvimento do projeto “As Palavras Têm Poder”, foram observados resultados que vão além dos aspectos biológicos do crescimento das sementes. O experimento, ao se articular com fundamentos teóricos sólidos, revelou-se uma potente ferramenta de mediação pedagógica, capaz de integrar conhecimento científico, expressão emocional, escuta sensível e valorização da linguagem como prática social.

Nos primeiros dias do experimento, as sementes identificadas com a palavra “AMOR” começaram a germinar mais rapidamente do que aquelas associadas à palavra “ÓDIO”. Essa diferença, embora não possa ser atribuída cientificamente apenas ao discurso verbal, serviu como catalisador para discussões em sala de aula sobre o impacto simbólico e afetivo das palavras nas relações humanas. Como afirma Vygotsky (1991), a linguagem é uma ferramenta psicológica que estrutura o pensamento e a consciência. Ao proferirem palavras amorosas ou hostis para as sementes, as crianças não apenas participaram de uma simulação, mas também foram convidadas a refletir sobre suas próprias experiências de linguagem no convívio com colegas, familiares e professores.

As falas registradas durante as rodas de conversa indicam que os alunos passaram a reconhecer o peso e o valor da palavra falada. Um estudante comentou: “A planta do amor ficou bonita porque a gente cuidou dela com carinho”, o que evidencia uma compreensão empática do processo. Para Wallon (2007), as emoções são constitutivas do desenvolvimento infantil e não devem ser dissociadas do processo educativo. Ao falar com as sementes e registrar suas impressões emocionais, as crianças foram incentivadas a reconhecer e nomear suas próprias emoções, passo fundamental para a construção de vínculos afetivos e da convivência ética.

As produções textuais, os desenhos e o “Ditado na lata” revelaram avanço no letramento e no uso da linguagem escrita com intencionalidade comunicativa. Segundo Ferreiro (1999), é nos contextos reais e significativos que a criança desenvolve hipóteses sobre a escrita e consolida seu domínio da linguagem. As observações registradas no caderno, ainda que apresentassem grafias não convencionais, demonstraram organização de ideias, progressão na estrutura frasal e expressão subjetiva. Isso mostra que a proposta



de escrita, ancorada em uma vivência sensível, é muito mais eficaz do que atividades descontextualizadas.

Outro aspecto importante foi o desenvolvimento da escuta ativa e da empatia entre os estudantes. Durante as rodas de conversa, surgiram relatos espontâneos de situações em que os alunos se sentiram tristes por palavras recebidas e felizes por palavras de incentivo. A discussão ética proposta nas aulas de Ensino Religioso ampliou o campo da reflexão, ajudando as crianças a perceberem que suas palavras podem afetar o outro de modo irreversível. Essa conscientização se alinha à perspectiva freiriana de educação como ato dialógico e de libertação (FREIRE, 1996), em que a palavra é instrumento de transformação da realidade.

Do ponto de vista da ciência, as crianças aprenderam a observar, registrar, comparar e formular hipóteses, desenvolvendo habilidades de investigação. As condições controladas do experimento (mesma quantidade de luz, água e temperatura para ambos os copos) contribuíram para reforçar o rigor da observação e a noção de variável. Ainda que o projeto não se proponha a validar cientificamente a influência das palavras no crescimento das plantas, ele se mostrou eficiente em ensinar noções de método científico, como o controle de variáveis, o registro sistemático e a interpretação de dados.

Adicionalmente, a experiência teve impacto sobre a prática docente e sobre o vínculo entre professora e alunos. O uso da linguagem como cuidado (MORIN, 2014) e como resistência à razão instrumental (SANTOS, 2009) foi percebido na relação mais próxima, afetuosa e dialógica estabelecida ao longo do projeto. A escuta ativa da professora, o respeito às falas das crianças e a valorização das emoções emergentes possibilitaram uma ambiência de confiança e de pertencimento, favorecendo a aprendizagem significativa.

Por fim, foi notável o envolvimento das famílias, que relataram mudanças no vocabulário das crianças em casa e maior cuidado ao falar com os irmãos e colegas. Isso confirma que projetos como este não se restringem à sala de aula, mas reverberam na comunidade e contribuem para a formação cidadã. A linguagem, como demonstraram os resultados, é uma tecnologia do vínculo, um lugar de encontro e uma semente de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A experiência relatada neste artigo demonstra que a escola pode e deve ser compreendida como mais do que um espaço de transmissão e sistematização de saberes. Ela é, sobretudo, um território de relações, de construção de laços, de cultivo da sensibilidade e de humanização. O projeto “As Palavras Têm Poder” revelou que, ao articular diferentes áreas do conhecimento com práticas vivenciais, afetivas e éticas, é possível ressignificar o cotidiano escolar, promovendo uma aprendizagem mais profunda, integral e transformadora.

Os resultados obtidos ao longo da experiência evidenciaram que a linguagem não apenas comunica, mas também constitui, vincula e afeta. Como enfatiza Vygotsky (1991), a linguagem é mediadora do desenvolvimento e da consciência. Quando as crianças perceberam o impacto simbólico de suas palavras sobre as sementes e, por analogia, sobre os colegas, iniciaram um processo de autorreflexão e de fortalecimento da escuta sensível, dimensão essencial para a convivência democrática e solidária.

Wallon (2007) reforça que não há aprendizagem plena sem emoção, e o projeto permitiu que as crianças vivenciassem sentimentos autênticos: alegria, tristeza, empatia, surpresa, os quais foram integrados ao processo de ensino. A partir de práticas simples, como cuidar de uma planta e conversar com ela, foi possível desenvolver competências socioemocionais previstas pela BNCC, de forma significativa e duradoura. Essas práticas geraram transformações também no comportamento e nas relações interpessoais, dentro e fora da escola.

A contribuição de Ferreiro (1999) é notável na forma como a escrita emergiu da experiência como prática viva, expressiva e contextualizada. As crianças não escreviam por obrigação, mas porque havia algo que pulsava nelas: um desejo de contar, de observar, de compartilhar. E essa escrita, assim como a fala, foi atravessada por cuidado, ética e sensibilidade. Como nos lembra Paulo Freire (1996), “ensinar exige escuta”, e foi a escuta atenta da professora às palavras, gestos e silêncios das crianças que possibilitou que esse projeto florescesse.

Além disso, dialogando com Morin (2014) e Santos (2009), esta prática reafirma a necessidade de uma educação complexa, que abrace a incerteza, valorize os saberes sensíveis e promova o bem viver. Ao estimular uma reflexão sobre o uso cotidiano da linguagem e seu poder sobre os seres vivos e sobre as relações, o projeto também tocou dimensões éticas, políticas e estéticas da formação humana. Em tempos marcados por discursos de ódio, exclusões e individualismos, ensinar que as palavras podem nutrir ou ferir é, antes de tudo, um ato de resistência pedagógica.



Assim, “As Palavras Têm Poder” se afirmam como uma proposta replicável e potente, que convida educadores a pensar a escola como espaço de cultivo de ideias, afetos, vínculos e transformações. Um lugar onde o conhecimento não se limita à abstração, mas se entrelaça com a vida, com o cuidado, com o outro. Porque educar, afinal, é semear com palavras o que queremos colher em humanidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

FERREIRO, E. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: **Artmed**, 1999.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 21. ed. São Paulo: **Cortez**; UNESCO, 2014.

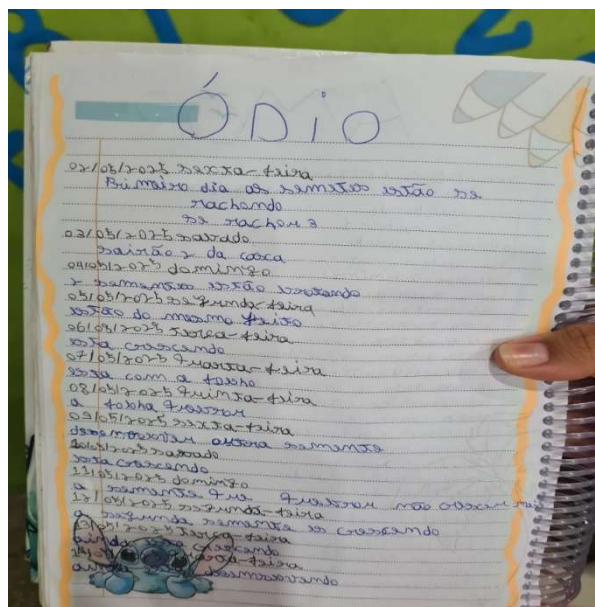
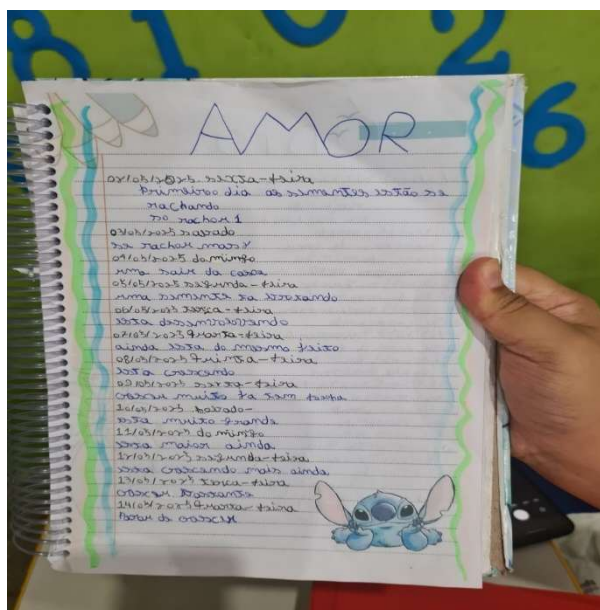
SANTOS, B. de S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. 6. ed. São Paulo: **Cortez**, 2009.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: **Martins Fontes**, 1991.

WALLON, H. As emoções infantis. São Paulo: **Manole**, 2007.



Diário



Sementes do ÓDIO

